

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Curso de Especialização em Formação de Educadores para a Educação Básica
Área de Concentração: Educação, Diversidade e Intersetorialidade

Cristina Reis de Sousa Prata

(Re) educação das relações étnico-raciais e de gênero:
Formação para profissionais da educação do ensino fundamental

Belo Horizonte

2019

CRISTINA REIS DE SOUSA PRATA

**(RE) EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO:
FORMAÇÃO PARA PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao curso de Especialização como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação, Diversidade e Intersetorialidade pelo Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dra Katia Pedroso Silveira

BELO HORIZONTE

2019

P912r
TCC

Prata, Cristina Reis de Sousa, 1970-
(Re) educação das relações étnico-raciais e de gênero [manuscrito] :
formação para profissionais da educação / Cristina Reis de Sousa Prata. -
Belo Horizonte, 2019.
49 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação.

Orientadora: Katia Pedroso Silveira.

Bibliografia: f. 44-45.

Anexos: f. 46-49.

1. Educação. 2. Educação -- Relações étnicas. 3. Educação --
Relações de gênero. 4. Educação -- Relações raciais. 5. Administração
escolar. 6. Administradores escolares -- Formação profissional.
7. Professores -- Formação. 8. Professores -- Participação na administração.
9. Orientadores educacionais -- Formação. 10. Ensino fundamental.

I. Título. II. Silveira, Katia Pedroso, 1963-. III. Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19342

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E INTERSETORIALIDADE

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “(Re)Educação das Relações Étnico-raciais e de Gênero: Formação para Profissionais da Educação do Ensino Fundamental”, do(a) aluno(a) **Cristina Reis de Sousa Prata**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Kátia Pedroso Silveira (orientador) e Andréia Martins da Cunha Moura. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Luciana Gomes da Luz Silva, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) _____

Cristina Reis de Sousa Prata

Registro na UFMG: 2018750563

Kátia Pedroso Silveira

Professor(a) Orientador(a)

Andréia Martins da Cunha Moura

Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Luciana Gomes da Luz Silva

Luciana Gomes da Luz Silva
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu pai por terem me ensinado a viver com coragem. À minha família, pelas trocas e escutas dos aprendizados. A todas e todos as(os) participantes das formações na escola em que desenvolvi o projeto. Às amigas e parceiras que estiveram presentes com seus relatos e trajetórias de experiências. Às(aos) professoras(es) do Laseb e à turma EDI, pelos aprendizados e pela convivência. À orientadora, Katia Pedroso Silveira, pelo carinho e pela atenção.

“É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.”

Guacira Lopes Louro (2014, p. 68)

RESUMO

Este trabalho abordou as relações étnico-raciais e as relações de gênero por meio de formações desenvolvidas pela coordenação escolar, buscando uma reflexão sobre essas temáticas na rotina educacional. O trabalho teve por objetivo envolver os(as) professores(as) e demais profissionais de uma escola de Ensino Fundamental em discussões sobre essas relações no ambiente escolar. A partir de dois momentos de formação com profissionais da escola, utilizei o método de observação participante e do diário de campo, no qual registrei as principais informações, observações e percepções do ambiente escolar para a construção deste trabalho. É importante enfatizar que a coordenação tem um papel fundamental, no envolvimento e desenvolvimento dos(as) profissionais da escola, a fim de incentivar e proporcionar condições para uma atualização continuada sobre essas temáticas. Percebi também que a coordenação pode propiciar um maior diálogo sobre as questões étnico-raciais e de gênero entre professores(as), gestores(as) e demais profissionais da escola. Desse modo, este trabalho contribuiu para uma reflexão sobre a necessidade de ações voltadas *para e na* diversidade e equidade de gênero.

Palavras-chave: Coordenação escolar. Formações. Relações étnico-raciais. Relações de gênero.

ABSTRACT

This work approached ethnic-racial relations and gender relations through formations developed by school coordination, seeking a reflection on this theme in the educational routine. The objective of this work was to involve the teachers and other professionals of a Elementary School in discussions about these relationships in the school environment. From two moments of training with school professionals, I used the participant observation method and the field diary, in which I recorded the main information, observations and perceptions of the school environment for the construction of this work. It is important to emphasize that coordination plays a key role in the involvement and development of school staff to encourage and provide conditions for continued updating on these issues. I also realized that coordination can foster greater dialogue on ethnic-racial and gender issues between teachers, managers and other school professionals. Thus, this work contributed to a reflection about the need for actions focused for and about gender diversity and equity.

Keywords: School coordination. Formations. Ethnic-racial relations. Gender relations.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. CONHECENDO A ESCOLA PESQUISADA.....	12
3. REEDUCARMOS PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO.....	14
4. RECONHECER E VALORIZAR A DIVERSIDADE CULTURAL, ÉTNICO-RACIAL E DE GÊNERO.....	16
5. PLANEJANDO O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	22
5.1. Primeira formação.....	23
5.2. Segunda formação.....	25
6. REFLEXÕES SOBRE AS FORMAÇÕES.....	28
6.1. Reflexões sobre a primeira formação: relações étnico-raciais na escola	28
6.2. Reflexões sobre a segunda formação: relações de gênero na escola..	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS.....	46

1. INTRODUÇÃO

A intervenção pedagógica desenvolvida via formação foi destinada a um coletivo de docentes e demais profissionais da educação do Ensino Fundamental a fim de abordar temáticas de valorização das relações étnico-raciais e de gênero, a partir do envolvimento e diálogo da coordenação pedagógica com gestores, docentes e demais profissionais da escola. Alguns conceitos foram desenvolvidos e discutidos, tais como identidade, raça, etnia e gênero, dentre outros, a fim de produzir novos efeitos nas práticas curriculares.

Aconteceram duas formações tratadas articuladamente: uma para as relações étnico-raciais e outra, para as relações de gênero. A primeira, baseou-se nos referenciais da Década Internacional da Afrodescendência (2015-2024) que são Conhecimento, Justiça e Desenvolvimento dos povos afrodescendentes. E também nos seguintes marcos legais: a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade estabelecida nas diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a temática *História e Cultura Afro-Brasileira* além de outras providências, e a Lei 11.645/08 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. Também foi incluída no trabalho a referência ao Plano Nacional de Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais.

A segunda formação baseou-se no documento da Assembleia Geral das Nações Unidas, que adotou a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável em que as metas para o alcance da igualdade de gênero se concentram no Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 e estão transversalizadas em outros 12 objetivos globais. Outro documento que também embasou a segunda formação foi o curso GDE- Gênero e Diversidade na Escola implementado pelo MEC, em 2009, para docentes.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro, mostra as características da escola pesquisada. O segundo, mostra o motivo de nós, profissionais da educação, precisarmos nos reeducar a fim de que abordemos novas maneiras para tratar as relações étnico-raciais e de gênero nas salas de aula e em todos os eventos escolares. O terceiro capítulo aborda a importância de se reconhecer

e valorizar a diversidade cultural, étnico-racial e de gênero. O quarto capítulo mostra como foi desenvolvido o planejamento das formações e o projeto de pesquisa. O quinto, trata da análise e reflexão sobre as formações e as práticas para a diversidade e equidade de gênero.

2. CONHECENDO A ESCOLA PESQUISADA

O projeto aconteceu em uma escola municipal de Belo Horizonte, situada na regional Pampulha. Comecei a trabalhar nessa escola no ano de 2018, como professora do segundo ciclo. No ano de 2019, trabalhei no cargo de coordenação para substituição de professores(as) no período da manhã.

Ao procurar conhecer um pouco mais sobre a filosofia da escola em que desenvolvi o Projeto de Intervenção, li o Projeto Político-Pedagógico que mostrou o perfil socioeconômico da comunidade e apontou que a maioria das famílias dos(as) estudantes são de classe média. Apesar disso, existem treze por cento de famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa-Família. E percebe-se um número cada vez maior de estudantes cujos responsáveis legais são mães, avós, tias e irmãos.

O Ideb da referida escola (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) relativo ao ano de 2017 foi de 6,7 para os anos iniciais e 4,9 para os anos finais. O primeiro índice está acima da meta da rede municipal de Belo Horizonte, mas o último, está abaixo. Os percentuais e metas para a rede de Belo Horizonte foram de 6,3 para os anos iniciais e de 5,1 para os anos finais.

A escola atende a estudantes do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental e participa dos Programas Escola Integrada e Escola Aberta (sábados e domingos). Essas características demonstram que seria interessante um novo olhar para as mudanças que ocorrem na escola, por ser um espaço constituinte da sociedade, a qual, a meu ver, precisa de abertura ao novo, às mudanças sociais, em geral, que se refletem nesse ambiente.

Analisei no infográfico denominado Panorama Escolar enviado pela Secretaria Municipal de Educação - SMED - no ano de 2018, o quesito raça-cor. O quantitativo dos(as) estudantes declarados(as), por suas famílias, foi o seguinte: um(a) da raça amarela, nenhum(a) indígena, 633 brancos(as), 795 pardos(as) e 66 negros(as). Pode-se observar que, o que é declarado no quesito raça-cor difere de uma análise visual do conjunto dos(as) estudantes. Neste último caso, a minha percepção é de que há um percentual maior de estudantes com característica da população negra que o quantitativo declarado pelas famílias ao preencherem o formulário de matrícula.

Assim, busquei, nesse trabalho, identificar estratégias pedagógicas que pudessem ser utilizadas com todos(as) os(as) profissionais da escola para valorização de uma Pedagogia da Diversidade. Se sabemos que a questão étnico-racial e de

gênero movimentam nossas subjetividades, como os projetos pedagógicos podem favorecer a imersão dessas dimensões subjetivas?

Percebi que a organização curricular dessa escola prioriza, muitas vezes, as áreas de conhecimentos separadamente, apesar de ser solicitado, pela Secretaria Municipal de Belo Horizonte, a concepção e a prática de proposições curriculares que englobem os conhecimentos também de forma interdisciplinar e/ou transdisciplinar, juntamente, com as competências socioemocionais. As proposições curriculares da Rede Municipal de Belo Horizonte, bem como, a Base Nacional Comum Curricular constituem um projeto de educação a ser desenvolvido nos ambientes escolares a fim de que as experiências dos(as) estudantes sejam de aprendizagem e crescimento interpessoal, numa perspectiva de qualidade na educação social como direito à formação humana.

No início do ano de 2018, na escola pesquisada, aconteceram formações relacionadas ao processo de avaliação e no ano de 2019 a equipe gestora propôs a revisão do Projeto Político Pedagógico que foi escrito em 2008.

Ocorreram alguns encontros sobre a temática étnico-racial com um grupo de professoras como parte da coleta de dados para uma dissertação de Mestrado de uma professora que trabalha nessa escola. Contudo, a meu ver, um número pequeno de professoras e professores participam de formações com a temática das relações étnico-racial fora do horário de trabalho.

Nesse contexto, como uma das coordenadoras da escola, propus trabalhar temas relacionados à educação das relações étnico-raciais e de gênero a fim de estabelecer aprendizagens entre todas as pessoas, docentes, discentes e demais profissionais, com um projeto para construção de um ambiente escolar mais acolhedor, que valorize a riqueza existente na diversidade e que fosse voltado para uma educação de qualidade social.

3. REEDUCARMOS PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO

Devido ao sujeito contemporâneo estar inserido em um mundo cada vez mais intercultural, a sociedade se mostra sem fronteiras ou divisões culturais. Inseridas nessa sociedade, é imprescindível que as instituições escolares abordem novas maneiras para tratarem as relações étnico-raciais, de gênero, de inclusão dos sujeitos, promovendo e valorizando as relações interpessoais em todo o ambiente escolar.

As discussões a respeito das relações étnico-raciais e de gênero têm ocupado lugar de importância nos debates sociais e educacionais. Como afirma Caldeira (2018, p. 54), algumas políticas públicas foram implementadas visando à inclusão de temáticas de gênero no contexto escolar, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), que incluíam a temática transversalmente ou o programa de formação docente Gênero e Diversidade na Escola (GDE). Este programa

[...] é uma experiência inédita de formação de profissionais de educação à distância nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais. É resultado de uma articulação inicial entre diversos ministérios do Governo Brasileiro (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação), British Council (órgão do Reino Unido atuante na área de Direitos Humanos, Educação e Cultura) e Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM/IMS/UERJ). (HEILBORN; ROHDEN, 2009, p.10)

Por outro lado, grupos reacionários têm produzido Projetos de Lei “para impedir qualquer menção a gênero na escola” (PARAÍSO, 2016a, p. 391).

Este projeto de Intervenção baseou-se também nos referenciais da Década Internacional da Afrodescendência (2015-2024) que são Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento dos povos afrodescendentes. Outro ponto fundamental que embasou esse trabalho foi o documento da Assembleia Geral das Nações Unidas assinado em 2015 e que contém a meta para o alcance da igualdade de gênero.

Esses dispositivos legais apontam para a necessidade de diretrizes que orientem a formulação de projetos que se voltem para uma educação de qualidade social e equânime. Entretanto, para além desses marcos legais, é fundamental uma mudança de pensamento e práticas que provoquem e promovam a discussão desses temas, incentivando a reflexão no campo individual e coletivo que contribuam para a superação de qualquer tratamento preconceituoso.

Portanto, enfatizei o termo *(re)educação* porque muitas(os) de nós, profissionais da educação, não recebemos em nossa formação o devido preparo para lidar com as problemáticas das relações étnico-raciais e de gênero que se apresentam, cotidianamente, nas relações interpessoais. É necessário propiciar a mudança de atitude em nós, profissionais da educação, e possibilitar a reflexão e a discussão sobre a diversidade e a equidade de gênero. Temos que lembrar que, segundo Munanga (2005), essa falta de preparo do corpo docente e demais profissionais da educação se deve ao fato de que nós somos produtos de uma educação eurocêntrica e que em função disso, reproduzimos consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

A partir da demanda de algumas docentes por formações que envolvessem as temáticas das relações de gênero e étnico-raciais na escola pesquisada e dos marcos legais referentes à promoção de uma Pedagogia da Diversidade, percebi a necessidade de intervir pedagogicamente, com formações em serviço, em um coletivo de profissionais da educação numa escola municipal de Belo Horizonte. O propósito foi propiciar, a partir das reflexões sobre as temáticas étnico-raciais e de gênero, ações pedagógicas que pudessem dialogar com a vida dos/das estudantes e dos sujeitos desse ambiente escolar.

Como somos sujeitos socio-históricos e sendo nossa identidade construída nas relações sociais, entendemos a importância de se trabalhar a temática da diversidade no contexto escolar, pois nesse contexto, as relações ocorrem entre estudantes, entre docentes e estudantes, entre docentes e outros(as) profissionais da escola e as famílias. Por sua vez, essas relações poderiam estar voltadas para a promoção da igualdade étnico-racial e de gênero. É necessário que, nós, profissionais da educação, participemos de formações continuadas a fim de que nos reeduquemos para uma Pedagogia da Diversidade e da equidade de gênero. Sendo assim, como a coordenação escolar pode desenvolver, junto ao corpo docente e demais profissionais da educação, ações que promovam uma maior reflexão, sobre as relações étnico-raciais e de gênero, numa perspectiva que favoreça intervenções mais significativas com esses temas no contexto da sala de aula e nos demais espaços escolares?

4. RECONHECER E VALORIZAR A DIVERSIDADE CULTURAL, ÉTNICO-RACIAL E DE GÊNERO

Como as relações interpessoais no ambiente escolar podem afetar a construção identitária das(dos) estudantes e das(os) profissionais da educação? Quais relações são capazes de reconhecer e valorizar a diversidade cultural, étnico-racial e de gênero? Educar *para* e *na* diversidade significa reconhecer outros e outras como diferentes, bem como refletir sobre as relações e os direitos de todos(as). Sendo a escola um espaço sociocultural em que as diferentes identidades se encontram e se modelam, ela caracteriza-se, portanto, como um dos lugares mais importantes para se educar com vias ao respeito à diferença.

O Projeto *(Re)educação das relações étnico-raciais e de gênero: formação para profissionais da educação do Ensino Fundamental* teve como objetivo, a partir do trabalho da coordenação escolar, realizar formações, em serviço e no local, para sensibilização ao reconhecimento e ao respeito da diversidade sociocultural do povo brasileiro e dos povos de todo o mundo – o reconhecimento de que negros e negras, indígenas, ciganos e ciganas, mulheres, dentre outros grupos discriminados, precisam ser respeitados/as e valorizados(as) em suas identidades e especificidades, visto que esse respeito é um direito social. O Projeto de Intervenção aconteceu no local de trabalho, porém, fora do horário de serviço. Para as formações, foram convidadas(os) todos os(as) profissionais da escola. Então, participaram doze professores(as), sendo que o restante do grupo, nas formações, constituiu-se dos(as) demais profissionais da escola.

Abordar simultaneamente a temática de gênero e das relações étnico-raciais é uma proposta desafiadora e necessária no ambiente escolar, pois essas relações, inclusive, demonstram ter consequências no desempenho escolar dos(as) estudantes.

Antes de trabalhar na rede municipal de Belo Horizonte, desenvolvi muitas formações durante minha trajetória profissional em empresas privadas, que me certificaram da importância delas para melhorar a competência dos(as) profissionais. E antes de trabalhar na escola pesquisada, atuei na coordenação pedagógica de outra escola da Rede Municipal de Belo Horizonte por seis anos. Nessa função, me propus a agir pedagogicamente e não desenvolver ações somente com a parte burocrática que o cargo de coordenação tanto solicita.

Minhas atuações pedagógicas com as temáticas da diversidade e equidade de gênero começaram a partir da minha participação em cursos, seminários, congressos e conferências municipais, da parceria com grupos sociais da comunidade escolar e da promoção de eventos para os(as) estudantes com essas temáticas. Portanto, desenvolvi, como coordenadora pedagógica, o projeto *Ser bonita é ser você* a fim de trabalhar a autoestima de um grupo de estudantes com constantes conflitos interpessoais. Realizei também, na escola anterior, um outro projeto *Diálogos de Profissões* com estudantes da UFMG e representantes da população negra em parceria com o Projeto Escolas Saudáveis da Faculdade de Odontologia da UFMG e com o Programa Saúde na Escola – PSE.

Particpei, também, na escola em que trabalhei anteriormente, da reescrita coletiva do Projeto Político Pedagógico, dentre outras ações, que buscavam práticas pedagógicas para implementar as Leis 10.639/03 e 11.645/08 no ambiente escolar, valorizando sempre a parceria com os setores da escola, tais como, o setor da biblioteca, o setor da informática, a Escola Integrada e da Escola Aberta. Procurei, na maioria das vezes, desenvolver os planejamentos e os projetos de forma intersetorial, isto é, com os setores da escola, da saúde e da assistência social. Desse modo, buscava exercer as funções destinadas ao cargo de coordenação pedagógica, visto que, as seguintes ações competem à equipe de coordenação pedagógica da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte:

- I. assegurar o cumprimento das ações definidas pela escola no plano de metas pactuado com a Secretaria Municipal de Educação;
- II. encaminhar as discussões pedagógicas, planejando, orientando, articulando e avaliando os projetos de trabalho de cada ciclo de formação;
- III. organizar com o grupo de trabalho a enturmação/agrupamento dos estudantes na educação básica;
- IV. organizar os tempos dos(as) professores(as) no coletivo da unidade, assegurando o processo de formação, planejamento e registro das ações;
- V. articular os projetos pedagógicos desenvolvidos pelos(as) professores(as);

- VI. acompanhar o desenvolvimento do trabalho em sala de aula, propondo estratégias para melhorar a prática pedagógica;
- VII. planejar e coordenar os tempos de trabalho extraclasse dos docentes com vistas à permanente reflexão sobre os processos de ensino-aprendizagem;
- VIII. promover e potencializar, com os(as) bibliotecários(as), projetos de trabalho na biblioteca escolar;
- IX. acompanhar e analisar o processo de aprendizagem dos(as) estudantes e suas dificuldades e propor as intervenções pedagógicas necessárias, construindo-as com o coletivo de professores(as) ao longo da Educação Básica;
- X. propor e incentivar vivências em outros espaços de aprendizagem, de acordo com os projetos de trabalho, divulgando e organizando os eventos;
- XI. apresentar as questões referentes aos aspectos pedagógicos e de desenvolvimento dos(as) estudantes e discuti-las com as famílias;
- XII. coordenar o monitoramento da aprendizagem, zelando pela melhoria dos indicadores de desempenho dos(as) estudantes.

Adquiri essa experiência na coordenação pedagógica por seis anos, mas precisei transferir-me para a escola pesquisada. Quando cheguei à escola onde desenvolvi o Projeto de Intervenção, no ano de 2018, trabalhei em sala de aula lecionando em duas turmas de quinto ano do Ensino Fundamental. Lecionei as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia e Literatura Afro-brasileira e Indígena. Procurei colocar em prática as estratégias e metodologias para aprendizagem que buscavam o exercício da cidadania, o respeito às diferenças, o protagonismo estudantil, o desenvolvimento integral e a possibilidade de aprendizado para todos(as) estudantes.

Além disso, fazia constantemente uma autoavaliação do meu trabalho; e quando havia necessidade, replanejava o currículo para torná-lo mais criativo, com as intencionalidades, habilidades e capacidades que me propunha a desenvolver com essas duas turmas. Utilizei um processo de avaliação diversificado e mais flexível nessas turmas e procurei tornar o ambiente da sala de aula interessante para os(as) estudantes. Desse modo, propus tornar a sala de aula um local de desafio, crescimento e intercâmbio dialógico no qual havia a participação ativa dos(as) estudantes. Desenvolvi o Projeto *Respeito às diferenças* interligado ao Projeto *Ser Bonita é ser você* durante todo o ano de 2018 com essas duas turmas.

Nisso, tentei criar um ambiente para dar voz aos(às) estudantes e para a construção de um aprendizado coletivo, onde se ouviam uns às(aos) outros(as) com respeito. Como em todo ambiente em que há pessoas, nessas duas turmas, haviam conflitos interpessoais, mas com o passar do ano, eles foram sendo amenizados, através de ações pedagógicas de promoção de uma pedagogia da diversidade. Abordei temas como respeito, empatia, cooperação, cidadania, preconceitos, *bullying*, entre outros, ao mesmo tempo em que desenvolvia os conteúdos de cada disciplina de forma multidimensional e com menos fragmentação.

A minha experiência nessa escola foi no ano de 2018. No ano de 2019, surgiu uma vaga na coordenação do turno da manhã e eu expus minha experiência anterior na coordenação da escola anterior e, como nenhum(a) outro(a) profissional pleiteou a vaga, eu saí da regência da sala de aula e fui exercer minhas atividades como uma das coordenadoras. Trabalhei como apoio à coordenação substituindo os(as) professoras que se ausentassem durante o ano. Propus trabalhar com a substituição abordando o Projeto *Respeito às diferenças* no segundo ciclo. Em todas as turmas em que eu atuava, substituindo algum(a) professor(a), pude perceber que os conflitos interpessoais afetavam o andamento da sala de aula.

A partir da minha participação nas reuniões pedagógicas com os(as) professores(as) e por fazer parte das coordenações da referida escola percebi a necessidade de intervir com formações para os(as) docentes e demais profissionais do Ensino Fundamental, visto que, apesar de terem sido feitos outros trabalhos sobre as relações étnico-raciais, pareceu-me importante pensar em formações continuadas. Formações sobre a temática de gênero ainda não haviam acontecido nesse ambiente. Um grupo de professoras, numa reunião pedagógica, solicitou à coordenação que

abordasse a temática de gênero com o coletivo de docentes. Propus, então, desenvolver formações com as duas temáticas, já que, muitas vezes, podemos identificar discriminação étnico-racial e de gênero operando juntas, como sugere Crenshaw (2002), ao imprimir o conceito de interseccionalidade. O importante seria incorporar a questão de gênero à prática dos direitos humanos e à questão racial ao gênero. Essa autora foi responsável pelo desenvolvimento teórico do conceito da interseção das desigualdades de raça, de gênero e de classe.

Como as relações étnico-raciais e de gênero perpassam por todas as vivências na escola, podemos notar que os sujeitos trazem consigo suas relações interpessoais. Portanto, a identidade e a diferença são criações que partem das relações sociais e culturais, segundo Tadeu (2000). E podemos compreender a identidade como uma forma de ser no mundo que se constitui na relação com os outros (GOMES, 2005). Acreditando que as identidades são construídas a partir das relações com o(a) outro(a), percebo a importância de sensibilizar o grupo de atores participantes da intervenção para uma educação das relações étnico-raciais e de gênero no ambiente escolar.

Segundo Louro (2014), é no território da cultura e da história que se definem todas as identidades sociais (as identidades de gênero, as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas diferentes identidades constituem os sujeitos, tornando-os sujeitos de muitas identidades, na medida em que esses se relacionam com outros sujeitos em diversas situações, instituições ou agrupamentos sociais. A escola é uma dessas instituições.

Pretendi trabalhar, dessa forma, com o conceito de gênero, que é enfatizado, por Louro (2014), no campo social, isto é, como uma construção social e histórica produzida sobre os aspectos biológicos, um modo como as características sexuais são compreendidas e representadas. Da mesma forma, segundo Gomes (2005), o conceito de raça é, na realidade, um conjunto de construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico, a partir das particularidades dos sujeitos. Essas representações não significam, de forma alguma, um dado biológico. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. Ainda de acordo com Gomes (2005), o conceito de etnia é um termo usado para se referir ao pertencimento ancestral e étnico-racial dos negros e outros grupos em nossa sociedade, com origens e interesses comuns. Assim, este

projeto recorre a esses conceitos para debater as relações étnico-raciais e de gênero no contexto escolar.

5. PLANEJANDO O PROJETO DE INTERVENÇÃO

A metodologia dos trabalhos desenvolvidos nesse projeto consistiu na elaboração do diário de campo, na observação participante e nas formações acerca das relações étnico-raciais e das relações de gênero. O diário de campo foi um recurso relevante na minha pesquisa etnográfica. Ele foi uma fonte essencial para eu obter os dados verificados em campo, retomá-los durante a escrita, entender as categorias utilizadas pelos(as) profissionais da escola e colocá-las em reflexão com a teoria. Utilizei o diário de campo para as principais anotações, observações e percepções do ambiente escolar. As anotações no diário de campo aconteceram antes, durante e depois das formações.

A observação participante também foi central na minha pesquisa, na qual busquei compreender os(as) profissionais no contexto escolar, através de suas narrativas e vivências. No que se refere às formações, negocieei, antecipadamente, com a Direção e com a coordenadora da Escola Integrada, as datas que melhor atenderiam a escola. Preparei e planejei, com antecedência, as duas formações por temáticas, como estratégia pedagógica. Em abril, abordei a temática das Relações Étnico-raciais e no mês de maio, a temática das Relações de gênero. A diretora me disse que ela havia agendado outras formações, em serviço, para o coletivo de docentes e discentes com o Programa Justiça Restaurativa no primeiro semestre e uma outra formação, Escola Laica e datas comemorativas para o segundo semestre, e que eu poderia convidar os profissionais da escola e desenvolver a Intervenção no sábado ou durante a semana à noite.

Como as formações aconteceriam fora do horário de serviço dos(as) professores(as), mudei a estratégia metodológica ampliando o convite para as formações do corpo docente a todos(as) profissionais da escola, principalmente para os(as) monitores(as) da Escola Integrada, devido à solicitação por parte da coordenação da mesma. Desde o ano anterior, procurei a coordenação da Escola Integrada para fazer parcerias com os projetos que desempenhei com o segundo ciclo. Ao observar a atuação dos funcionários da escola, verifiquei a possibilidade da participação de todas(os) elas(eles) em formações. Desse modo, convidei, com um mês de antecedência, todas(os) profissionais da escola: professoras(es) do primeiro ao nono anos, direção e coordenações, monitoras(es) da Escola Integrada,

monitoras(es) de inclusão, monitoras(es) da Escola Aberta, profissionais da secretaria, biblioteca e portaria.

No mesmo período em que eu iniciava a Pós-graduação em Educação, Diversidade e Intersetorialidade, durante o segundo semestre de 2018, aconteceram encontros na escola pesquisada chamados Círculos Restaurativos que muito colaboraram para a necessidade de reflexões e diálogos entre os diversos profissionais da escola, entretanto, as coordenações não participaram juntamente com os(as) professores(as).

Pesquisei com o grupo de docentes quais dias tinham maior frequência e participação em formações. Planejei, então, as formações aos sábados porque as pessoas ficam mais receptivas às informações e a participarem de rodas de conversas que durante a semana letiva, no período da noite, em que estão mais cansadas. Os(as) professores e professoras compareceram voluntariamente e os(as) demais profissionais compareceram às formações para completarem suas cargas horárias de trabalho.

As formações foram estruturadas nos seguintes tópicos, conforme mostra a tabela seguinte:

Tabela 1: relação de formações

1ª Formação	<p><u>Tema: Relações Étnico-raciais na escola</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Raça, etnia, racismo, preconceito e discriminação racial. Histórico das Leis 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e Diretrizes curriculares para as relações étnico-raciais.
2ª Formação	<p><u>Tema: Relações de Gênero na escola</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Gênero, representatividade, direitos humanos.

5.1. Primeira formação

Na Primeira Formação, abordei o tema Relações étnico-raciais na escola. Foi uma estratégia pedagógica não abordar as duas temáticas em um só dia. A carga horária foi de 4 horas. Deixei os espaços da sala de multimeios e do pátio organizados anteriormente. Utilizei reiteradamente a música *Alma não tem cor*¹, interpretada pelo

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f0Z5T9Q7mbw>

cantor Chico César, para dar visibilidade a artistas negros(as), para envolver os(as) participantes informalmente e tornar o ambiente mais acolhedor. Além disso, recebi os(as) participantes com essa música para sensibilizá-los(as) para a necessidade de se falar sobre as raças. Convidei as pessoas para a sala de multimeios e falei sobre o objetivo da formação. Perguntei sobre suas expectativas e expliquei como seria o encontro.

Logo após, coloquei o vídeo para reflexão e iniciei uma discussão. O vídeo *Vista minha pele*², de Joel Zito Araújo, que aborda uma história invertida sobre a questão racial, na qual os dominantes são pessoas negras e os dominados, pessoas brancas. O autor também aborda a questão da discriminação e do preconceito racial na escola. Uma vez apresentada a música, solicitei que conversássemos sobre o vídeo e sugeri que todos(as) ficassem à vontade para colocar seus posicionamentos apontando os detalhes que chamaram maior atenção.

Depois, fizemos o intervalo do lanche. Durante o lanche, coloquei alguns sambas para que os participantes ouvissem a fim de trazer a descontração desse ritmo musical brasileiro, que muito foi influenciado pela música africana, para a atividade.

Assim que retornamos do lanche, apresentei os *slides* sobre as Relações Étnico-raciais. Comecei os *slides* com o provérbio africano *Aquele que aprende, ensina* para trazer a reflexão sobre a importância de buscar novos conhecimentos e de nos (re)educarmos, enquanto profissionais da educação, para trabalhar com as novas gerações.

Logo após, falei do objetivo geral da formação que era envolver, por meio de formações, professores(as) e demais profissionais da escola, para uma discussão das relações étnico-raciais no ambiente escolar e da importância de educar *para* e *na* diversidade. Apresentei os marcos legais que embasavam a formação, entre outros, a Lei 10.639/2003 e a Lei 11.645/2008.

Depois trouxe a pergunta: Raça existe? Falei sobre o conceito de raça do ponto de vista sociológico e sobre o conceito de etnia. Depois trouxe a porcentagem da população por cor ou raça – 2015 - segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mostrei o infográfico Panorama Escolar, que também traz a porcentagem de estudantes de acordo com o quesito raça. Depois disso, falei sobre

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA>

como o IBGE orienta a população a preencher os quesitos raça/cor em seus questionários.

Expliquei sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros a fim de mostrar a influência africana na cultura do nosso país. Os valores civilizatórios são: Circularidade, Religiosidade, Musicalidade, Corporeidade, Oralidade, Ludicidade, Memória, Energia Vital, Ancestralidade e Cooperativismo.

Depois da apresentação dos *slides*, convidei uma pedagoga e professora da Rede Municipal de Belo Horizonte para fazer um relato sobre como o *Projeto Ser bonita é ser você* influenciou sua autoestima positivamente. Optei por convidar essa professora para mostrar como as parcerias potencializam as ações da coordenação pedagógica na escola.

Logo após o relato da professora, indiquei títulos de literatura afro-brasileira e indígena e do material com sugestões de atividades e projetos com a referida temática. Escolhi vários títulos que fazem parte do acervo da biblioteca da escola com a finalidade de mostrar como a riqueza de histórias e conteúdos afro-brasileiros e indígenas podem ser acrescentada ao currículo escolar.

Convidei todos(as) participantes para vivenciarem a *Dinâmica da Circularidade*. Nessa dinâmica os(as) participantes, disseram uma palavra que havia marcado aquela manhã de formação. Assim que falavam uma palavra, tinham que apertar a mão de quem estava ao seu lado. Logo após, sentamos em círculo, no pátio da escola, com o objetivo de mostrar como é importante perceber as outras pessoas, poder olhar entre si e se perceber em um mesmo nível, onde a horizontalidade nos aproxima. Mostrar também que a circularidade é uma característica da cultura afro-brasileira. Por fim, entreguei os marcadores de livros e os certificados.

5.2. Segunda formação

Recebi os(as) participantes com músicas de cantoras brasileiras. Optei por colocar as músicas selecionadas para dar visibilidade às intérpretes mulheres e para tornar o ambiente mais acolhedor.

Deixei no *slide* um provérbio indígena: *Diga-me e eu vou esquecer. Mostre-me e eu posso não me lembrar. Envolve-me e eu vou entender*. Minha intenção em começar com esse provérbio foi mostrar que temos que valorizar os diversos saberes

e que é importante valorizar a afetividade nas relações interpessoais no ambiente escolar.

Apresentei o objetivo geral da formação, que era envolver, por meio de formações, professores(as) e demais profissionais da escola, para uma discussão das relações de gênero no ambiente escolar e da importância de educar *para* e *na* diversidade. Mostrei os documentos que embasaram meu trabalho: o artigo 5º da Constituição Federal e a Declaração dos Direitos Humanos, no que diz respeito à educação, e o programa de formação docente Gênero e Diversidade na Escola (GDE) com a finalidade de mostrar os marcos legais sobre as Relações de Gênero na Escola.

Depois dessa abertura, coloquei o vídeo: *Gênero e Educação – Bloco 01 – Universidade de ideias – Educadores debatem a Educação*³ no qual o prof. Fernando Penna entrevista a professora Fernanda Moura, da rede municipal do RJ, e o professor Fernando Seffner, da Universidade Federal Rio Grande do Sul, com a duração de 29m 22s. Fernando Penna é doutor e mestre em Educação na UFRJ e bacharel em história pela mesma universidade. Atualmente é coordenador do Movimento Educação Democrática e líder do grupo de pesquisa *Núcleo de Estudos em Educação Democrática (NEED)*. A minha intenção ao escolher esse vídeo foi apresentar a temática de Gênero por profissionais da educação que falam de suas práticas relacionadas a esse tema, bem como, mostrar os princípios da legislação internacional dos direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero no qual o Brasil é signatário.

Depois da apresentação do vídeo, abrimos uma roda de conversa sobre os pontos que mais chamaram a atenção dos(as) participantes e os posicionamentos deles(as). O intuito dessa roda de conversa foi abrir uma discussão sobre as relações de gênero.

Fizemos um intervalo de 30 minutos para o lanche.

Depois disso, apresentei no power-point algumas questões sobre gênero na escola. Abordei alguns conceitos sobre gênero e mostrei algumas referências bibliográficas que embasaram o meu Projeto de Intervenção. Dei um enfoque às competências gerais da Base Nacional Comum Curricular, principalmente àquelas

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wp9A6ITKlgk>

que se referem ao autoconhecimento, ao autocuidado, à empatia e à cooperação com o objetivo de mostrar a importância das competências socioemocionais, e não somente as competências cognitivas no trabalho com os(as) estudantes. Outro ponto que trouxe à reflexão foi a questão da linguagem enquanto expressão das relações de poder e como reprodução das diferenças. Mostrei também os índices de violência física, psicológica e sexual contra as mulheres e do feminicídio no Brasil com o propósito de chamar a atenção de todos para a relevância de se trabalhar com a temática de gênero com nossos(as) estudantes. Depois disso, procurei falar sobre a importância da representatividade feminina e apresentei sobre algumas profissionais de diversos saberes.

Após essa apresentação, convidei uma colega para contar sua própria história de vida como uma Heroína Negra Brasileira – representante do Congado do bairro Urca – Regional Pampulha. O intento dessa participação foi mostrar a importância das parcerias com a comunidade escolar e dar visibilidade a histórias que, muitas vezes, não são contadas no ambiente escolar.

No final, falei sobre a filosofia africana – UBUNTU – com o desígnio de chamar a atenção para a importância da coletividade no ambiente escolar.

Entreguei os certificados. A carga horária foi de 4 horas, na parte da manhã, em um sábado.

As formações tiveram como metodologia as rodas de conversa, apresentação de *slides*, vídeos e dinâmicas. Essas estratégias metodológicas pretenderam priorizar as interações, observações, e intervenções com o coletivo de professores(as) e demais profissionais da educação.

6. REFLEXÕES SOBRE AS FORMAÇÕES

6.1. Reflexões sobre a primeira formação: relações étnico-raciais na escola

Considero que um Projeto de formação, por meio de oficinas, precisa ser construído pensando no conjunto das dimensões que envolvem o ato educativo. Os contextos institucionais e político-sociais que enquadram as práticas educacionais - professores(as), gestores, monitores da Escola Integrada e outros(as) - são plurais e as demandas por educação se constroem em campos diferentes. Encontros de formação são espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais nos quais aos sujeitos da educação é permitido apropriarem-se dos próprios processos de formação e dar-lhes um sentido no percurso de suas histórias de vida.

O corpo docente da escola pesquisada foi convidado para participar das formações fora do horário de trabalho. Talvez por isso foram apenas oito professores(as) à essa formação. Geralmente o grupo de docentes participa das formações que sejam *in loco* e em serviço. Já os(as) demais profissionais da escola foram convidados também, mas eles(as) tinham que cumprir a carga horária de trabalho, sendo assim, a presença foi unânime, 33 pessoas dos diversos setores.

No dia anterior à primeira formação, deixei a sala de multimeios planejada para a formação. Solicitei à bibliotecária que colocasse os livros de literatura afro-brasileira infanto-juvenil e os livros com sugestões de atividades e projetos para serem desenvolvidos com a temática das relações étnico-raciais. Procurei sempre trabalhar fazendo parcerias com os setores da escola em duas estantes que ficaram próximas à sala onde aconteceu a formação. Os(as) profissionais da biblioteca muito contribuem com o trabalho da coordenação pedagógica e precisam estar em consonância com os projetos desenvolvidos pelos(as) demais profissionais da educação.

A carga horária de cada encontro foi de quatro horas. Diversifiquei as atividades, visto que é importante aplicar estratégias que busquem a atenção dos(as) participantes na formação. Através das formações, a coordenação pode demonstrar como as estratégias pedagógicas diversificadas podem propiciar resultados mais satisfatórios para a aprendizagem.

No pátio da escola, recebi as(os) participantes com a música *Alma não tem cor*, do compositor André Abujamra e interpretada por Chico César. Este momento foi

importante para dar visibilidade ao artista que interpreta a música e para envolver os(as) participantes informalmente tornando o ambiente mais acolhedor. Além disso, o meu intuito em iniciar com essa música foi, também, sensibilizá-los(as) para a necessidade de se falar sobre a questão das raças. Aguardei 10 minutos, convidei as(os) participantes para a sala de multimeios. Apresentei-me às(aos) participantes profissionais da Escola Regular, da Escola Integrada e da Escola Aberta e disse da importância, na minha vida profissional, de fazer uma pós-graduação na UFMG com o tema Educação, Diversidade e Intersetorialidade. Relatei também que as formações das quais participei no setor de Políticas para a Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Belo Horizonte foram significativas para minha mudança de postura, de paradigmas e para desconstruir alguns estereótipos. Essas formações ampliaram meu entendimento sobre a complexidade da questão racial e de gênero. Então, disse às(aos) participantes, na maioria mulheres, que escolhi, didaticamente, falar primeiramente sobre as Relações Étnico-raciais e na outra formação, sobre as Relações de Gênero.

Relatei que havia no grupo duas professoras que tinham concluído, recentemente, o mestrado sobre a temática, como uma forma de reconhecimento a elas, pois nem todas(os) os(as) profissionais sabiam dessa informação. Enquanto coordenadora, vejo a importância de desenvolver estratégias para valorizar a autoestima dos(as) profissionais da educação e, sendo assim, pretendi evidenciar o trabalho dessas duas professoras. Dar ênfase à busca por aperfeiçoamento profissional e valorizar essa busca quando se está no coletivo pode propiciar boas práticas pedagógicas.

Solicitei a permissão do grupo para gravar as conversas de maneira a garantir um registro da discussão e, posteriormente, utilizar esses dados no desenvolvimento do meu Trabalho Final de Curso (TCC). Todos(as) concordaram. Quando lancei a pergunta: por que vocês aceitaram o convite para participar dessa formação? Algumas pessoas responderam que era como se fosse um dia de trabalho, portanto, teriam que participar. Outras, que gostavam da temática e que gostariam de aprender sobre ela. Fiz uma outra pergunta: Quais suas expectativas para o encontro? Muitos(as) responderam que esperavam aprender mais sobre o tema e uma professora e doutoranda da UFMG disse que gostaria que repensássemos o currículo da escola. Conversamos um pouco mais sobre a temática e depois coloquei o vídeo *Vista minha*

pele para discussão no grupo. Este vídeo, com direção de Joel Zito Araújo, mostra uma história invertida da realidade brasileira. Nessa história invertida, as pessoas da população negra são da classe dominante e as pessoas da população branca, as dominadas. No decorrer da história, aparecem as discriminações e os estereótipos vividos pela classe dominada. Os atores e as atrizes são, na maioria, adolescentes. A história baseia-se na vontade de uma estudante adolescente, representante das minorias, em participar de um concurso de Miss Festa Junina.

Na sequência, propus um debate sobre o vídeo que durou, aproximadamente, 50 minutos. Ao longo desse debate, ocorreram vários depoimentos e posicionamentos. A primeira pessoa que se manifestou foi uma professora do 2º ciclo. Ela disse que achou interessante ver a inversão da realidade, no vídeo, visto que as pessoas brancas não vivenciam discriminações no dia a dia como foi passado no vídeo. Ela relatou também que atualmente o preconceito relacionado à questão de classes sociais era mais forte que a racial, mas que na visão dela as oportunidades não são as mesmas.

A fala dessa professora, nos ajuda a perceber que o Mito da Democracia Racial ainda vigora no nosso país, visto que, as pessoas brancas, muitas vezes, não percebem os conflitos interraciais na nossa sociedade. O Mito da Democracia Racial no Brasil se deu em virtude de, por muito tempo, o(a) brasileiro(a) acreditar na convivência harmoniosa entre as raças, baseando-se na miscigenação histórica tentando mostrar que o povo brasileiro não tem preconceitos. Segundo Gomes (1995), as relações étnico-raciais aparecem nos ambientes escolares, mas há receio em discuti-las, seja por não entendê-la como um assunto relevante, pois, de acordo com o relato dessa professora, em primeiro lugar vem a discussão sobre a classe social, isto é, a pessoa negra é discriminada seja porque é pobre seja por receio de enfrentar a diversidade. Na narrativa dessa professora podemos perceber que, ao se discutir a questão racial no ambiente escolar, geralmente, tal questão acaba sendo entendida como resultado da desigualdade socioeconômica.

Uma profissional, estudante de Pedagogia, relatou que o que mais chamou a atenção dela em relação ao vídeo foi ver a discriminação do professor quando ele diz que tinha muito dó daquela estudante, a atriz que sofria discriminação por parte da maioria das pessoas. Esse professor, no caso, estava pensando que a estudante deveria estar com fome e que, por isso, não aprendia. Voltando a estudante de

Pedagogia, ela completou dizendo que o preconceito existe internalizado em nós. E continuou fazendo uma indagação sobre o sistema de cotas, colocando-se contrária a ele, partindo do pressuposto de que todas as pessoas são capazes de passar no Enem, não sendo, então, necessária a reserva de vagas para os(as) estudantes da população negra.

Uma professora doutoranda da UFMG respondeu sobre as cotas dizendo que as cotas raciais não são bolsas, mas que tinham a ver com uma questão de justiça social. Acrescentou que as cotas raciais foram criadas como políticas públicas e atualmente é muito comum que as pessoas pensam que as cotas têm a ver com a falta de competência e que não foi com base nesse argumento que as cotas foram implantadas. Ela continuou dizendo que o sistema de cotas raciais foi construído por pessoas que entendiam que as oportunidades não eram e não são iguais e que as cotas raciais servem para garantir o acesso à educação até o ensino superior, finalizou a professora.

Uma profissional relatou que, para ela, a condição financeira é o que define as desigualdades e que não percebia o preconceito racial. Segundo Gomes (1995), as relações raciais são percebidas nas escolas, porém há receio em discuti-las, seja por não considerar um assunto tão necessário, seja por receio de enfrentar a diversidade: se somos todos iguais, para que trabalhar e conversar sobre as diferenças? Podemos perceber essa afirmação na narrativa da auxiliar de serviços. Segundo ela, ao se discutir a questão racial no ambiente escolar, muitas vezes, essa questão é entendida como resultado da desigualdade socioeconômica.

Uma professora relatou que na escola há vários tipos de preconceito e discriminação e que foi somente após ela ter feito formações a respeito do tema é que começou a perceber as questões de racismo na escola. E acrescentou que ela, ocupando, o cargo da direção juntamente com o vice-diretor estavam investindo nas formações dos(as) profissionais para que as relações étnico-raciais melhorem na escola. Segundo Hooks (2017),

[...] o corpo docente precisava desaprender o racismo para aprender sobre a colonização e a descolonização e compreender plenamente a necessidade de criar uma experiência democrática de aprendizado das artes liberais. (HOOKS, 2017, p. 55)

Um profissional relatou que o racismo é estrutural. Ele exemplificou dizendo que passou vinte anos estudando e teve apenas três professores negros. E que é importante a representatividade para a população negra. Continuou dizendo que, muitas vezes, está naturalizado que os(as) negros(as) devem estar nos cargos de baixa escolaridade. Nas fotos dos formandos em Medicina, na internet, por exemplo, vê-se a cor das turmas, fica claro a questão do racismo. O depoimento desse profissional reafirma que as estratégias educacionais não podem acontecer de forma isolada, apenas por um grupo de profissionais que desejam desenvolver a temática, mas que seria relevante que acontecesse de forma sistemática. Ele disse também que trabalhou em uma turma do estado com o Projeto Aceleração, no qual a maioria da turma era negra e repetente. A maioria dos(as) estudantes não se identificavam como negros(as) devido às condições impostas. Não queriam, assim, se identificar como negros(as).

Uma das professoras do segundo ciclo relatou que os(as) estudantes tinham dúvidas ao procurarem os lápis de cores que mais se assemelhavam às cores das suas peles. Nos relatos desses profissionais, podemos perceber que segundo Gomes (2002), os modelos de estética corporal desenvolvidos historicamente pelos(as) negros(as) no Brasil têm sido objeto de estereótipos e estigmas negativos, reforçados, na maioria das vezes, pela escola. Isso afeta a estrutura psíquica do sujeito e conseqüentemente interferirá no aprendizado escolar.

Depois dessas falas, eu disse que com o meu trabalho na coordenação do turno da manhã, através do Projeto Respeito às Diferenças, levava aos(às) estudantes do segundo ciclo, títulos da literatura Afro-brasileira e caixa de lápis de cor de vários tons de pele. Isso era apenas uma ação que desenvolvi para valorizar uma Pedagogia da Diversidade. Entretanto, eram ações pontuais, e seria necessário um trabalho desenvolvido pelo grupo de educadores(as) da escola de forma sistemática e planejada, pois o meu trabalho como coordenadora no turno da manhã foi apenas substituir os(as) professores(as) que se ausentavam no turno da manhã.

A roda de conversa aconteceu de forma bem participativa. Fomos para o lanche. A direção havia pedido às cantineiras para colocar o lanche para o grupo. No entanto, esse lanche foi comprado porque as cantineiras estavam também na formação. Depois do lanche, apresentei os *slides* sobre a temática Étnico-racial. Houve alguns posicionamentos que acrescentaram dados a minha apresentação.

Quando terminei de apresentar os *slides*, convidei uma professora da Rede Municipal de Belo Horizonte, Magali Dutra Alves, para relatar sobre um Projeto de Valorização da Pedagogia da Diversidade – *Projeto Ser bonita é ser você*. Desenvolvi esse projeto na escola de intervenção, mas iniciei-o em uma outra escola, no período de 2016 e 2017, na qual trabalhava com essa professora convidada. A professora relatou a influência do *Projeto Ser bonita é ser você* na vida pessoal e profissional dela. Ao narrar sobre o Projeto, ela mostrou como esse trabalho melhorou sua autoestima. Relatou também as discriminações que sofreu durante sua vida escolar. Ela se autodeclarou negra, *gordinha* e atualmente é Miss Plus Size Minas Gerais.

O relato dessa professora colaborou para despertar nos(as) profissionais da escola a importância de um trabalho diário de valorização e autoestima positiva dos sujeitos, tanto com os(as) estudantes quanto com os(as) profissionais da escola. Desse modo, o Projeto teve uma via de Empoderamento junto às estudantes e às professoras. Assim, de acordo com Ribeiro (2018), o empoderamento significa ter consciência dos problemas que afligem as mulheres, independente da idade, e criar meios para combatê-los e estratégias de apoio a outras mulheres. Após o relato da professora convidada nessa formação, algumas outras profissionais da escola me procuraram para dizer como o Projeto *Ser bonita é ser você* impactou positivamente na vida delas. Uma professora me relatou que achou muito positivo o efeito das placas do projeto colocadas em vários espaços da escola pesquisada, instigaram a curiosidade dos(as) estudantes, beneficiaram o clima escolar e provocaram reflexos imediatos nos(as) estudantes, valorizando a autoestima de cada um(uma). Isso mostra que a coordenação pode envolver os profissionais da escola, bem como, os(as) estudantes.

Após esse momento, comentei sobre as indicações de literatura afro-brasileira e indígena que existem na escola. Algumas profissionais relataram que não conheciam aqueles materiais.

Solicitei aos(as) participantes que fossem ao pátio para uma dinâmica e entrega dos certificados e declarações para os(as) profissionais que trabalham em outra escola no horário da intervenção. Coloquei uma música com o som de berimbau. Todos(as) se assentaram ouvindo a música por alguns minutos e depois falei novamente que, na escola, todas as pessoas têm importância e que, no círculo, não

se tem hierarquia, não se tem começo e nem fim, retomando o valor da circularidade, um dos valores civilizatórios afro-brasileiros.

A dinâmica aconteceu da seguinte forma: Solicitei aos(as) participantes que se levantassem, dessem as mãos e, cada pessoa, assim que dissessem uma palavra do que ficou de mais marcante daquela manhã, apertassem a mão da pessoa que estava ao seu lado. Nomeei como Dinâmica da Circularidade. Assim que terminou a formação, várias pessoas me procuraram manifestando suas opiniões positivas sobre o momento. Elas revelaram a necessidade de acontecerem outras formações e reflexões sobre temas relacionados às relações interpessoais e cidadania. Algumas profissionais quiseram tirar fotos com a professora convidada, Magali Dutra, que usava sua faixa de miss Minas Gerais – plus size.

Agradei a presença de todas as pessoas e o apoio da direção da escola, e disse que a próxima formação seria no dia 25.05.19. Participaram 41 profissionais nessa primeira Formação: 06 professoras, 02 professores, 33 funcionárias(os). A direção e a vice-direção estiveram presentes.

6.2. Reflexões sobre a segunda formação: relações de gênero na escola

Recebi os(as) participantes com músicas de cantoras brasileiras e o ambiente ficou mais alegre e acolhedor. Algumas participantes me disseram que gostaram de ouvir somente músicas de cantoras brasileiras. Apresentei-me novamente aos(as) participantes, visto que, haviam pessoas que não me conheciam e que não estavam na formação anterior.

Falei sobre o objetivo do Projeto que era sensibilizar, por meio de formações, os(as) profissionais da escola para uma prática pedagógica como ação permanente e fundamental na construção de valores e atitudes voltados para e na Diversidade. Expliquei a programação daquela manhã que seria voltada para as relações de Gênero e propus assistirmos ao vídeo: Gênero nas Escolas – Universidade das ideias – Apresentação do professor Fernando Penna. Optei pelo vídeo pois, alguns professores(as) que disseram que iriam à formação, solicitaram-me que eu não trabalhasse com dinâmicas. Este vídeo mostra educadores debatendo as relações de gênero e a importância de se discutir esse tema na escola pois essas relações produzem efeito na sala de aula.

Depois disso, tivemos o momento de diálogo sobre o vídeo durante 50 minutos. Houveram vários depoimentos e posicionamentos sobre o vídeo e as Relações de Gênero. Uma profissional relatou que as pessoas precisam se acostumar com a questão da homossexualidade e que na semana anterior à segunda formação houve, na escola, o dia D para os 9º anos. Nesse dia, segundo essa profissional, um estudante que estava vestido com *roupas de mulher* foi zombado por um homem que passava em frente à escola e ela disse que defendeu o estudante dizendo que não havia nenhum problema ele vestir ou não um vestido.

Esse relato nos dá pistas para entender que é necessário o debate das questões de gênero e sexualidade na escola por parte de todos(as) profissionais, visto que, de acordo com Louro (2014), as relações de gênero e sexualidade estão, independente de querermos ou não, na escola e não só na sala de aula. Essas relações fazem parte das conversas, brincadeiras, aproximações afetivas dos(as) estudantes, portanto, elas estavam presentes nas falas e atitudes dos(as) profissionais da educação. Outro depoimento de uma profissional revelou que é necessário tratar as questões de gênero na escola, pois a mãe dessa profissional não deixava que ela estudasse e que lesse livros, exigia que ela quando criança e adolescente, apenas trabalhasse em casa. Então, essa profissional disse que lia os livros à noite escondidamente.

Após esse relato, um professor se posicionou dizendo que a escola devia ser um lugar de acolhimento e de relações de respeito com o ser humano. E citou o caso de um estudante que sofria discriminação dos(as) colegas por causa de sua identidade de gênero e que esse estudante ficava agressivo com quem o importunava. Isso mostra que as relações estão carregadas de violência e como essas relações se dão na escola. Diante dessa narrativa, de acordo com Louro (2014), fica evidente que a escola é atravessada pelos gêneros, sendo impossível pensar neste ambiente sem que reflitamos sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. Depois disso, uma professora disse que se quisermos construir uma sociedade melhor no futuro precisamos começar a trabalhar as questões de gênero com os(as) estudantes. Mas ela disse que não tinha o perfil para trabalhar essas questões com os(as) estudantes. Isso mostra que precisamos, enquanto profissionais da educação, nos reeducarmos para as relações de gênero para termos segurança em tratar dessas questões com os(as) estudantes e com os(as) profissionais da escola.

No segundo momento da formação, mostrei os *slides* com alguns posicionamentos sobre gênero, feminismo, representatividade feminina, novos arranjos familiares e índices do feminicídio no Brasil.

Após a apresentação, perguntei se alguém gostaria de comentar algo e algumas pessoas se posicionaram relatando que precisavam ter outras formações sobre o tema. Depois disso, convidei uma professora e rainha do congado da região da Pampulha, a senhora Neli Martins, que trouxe a história de vida e a experiência dela como representante da comunidade e cultura popular. Esta participação teve como foco mostrar a importância do trabalho coletivo com a comunidade para além do ambiente escolar. Temos que admitir que iniciativas de construção de uma Pedagogia da Diversidade e Equidade de Gênero precisa contar com a construção de redes de aliança e solidariedade nas práticas educativas e escolares, dentro e fora da escola. Segundo Louro (2014), a identificação dos possíveis aliados(as), a difusão de informações e a discussão podem se tornar passos importantes tanto para o reconhecimento da importância política que têm as relações de gênero e sexuais quanto para a disposição de transformar suas formas atuais.

O fechamento dessa formação aconteceu com o conceito da filosofia Ubuntu – mostrando a importância do coletivo para se desenvolver os projetos que envolvem as temáticas abordadas. Solicitei, no círculo formado do lado de fora da sala de multimídias, que cada pessoa dissesse uma palavra que a marcou naquela formação. Então, os(as) participantes relataram vários comentários positivos com relação à segunda formação. Eles(as) disseram que gostaram muito de o convite ter se estendido a todos(as) profissionais da escola, não somente os(as) professores(as), que tiveram grandes aprendizados nas duas formações, e que poderia ter continuidade durante o ano.

Agradei a presença de todas as pessoas e o apoio da direção da escola, e disse que se tivesse algum trabalho ou projeto durante o ano de 2019 que eu gostaria de participar e/ou ficar sabendo do que se tratava.

Assim que terminou a formação, uma profissional me perguntou o que eu achava de desenvolver as duas formações para as famílias. Coloquei-me à disposição, mas também disse a ela o quão importante seria a participação de todo o coletivo de docentes da escola antes mesmo que fizéssemos as formações com as famílias.

Participaram da segunda formação 25 profissionais: 03 professoras, 01 professor, 20 profissionais que eram dos setores da cozinha, da Escola Integrada, da portaria e de apoio à inclusão.

Esperava-se que, o coletivo de profissionais participantes das formações reconhecessem a riqueza e a diversidade cultural de nossa sociedade e compreendessem que essa diversidade faz parte da vida dos(as) estudantes. No entanto, somente alguns(algumas) professores(as) trataram as questões étnico-raciais e de gênero nas salas de aula.

Seria interessante que os(as) profissionais fossem capazes de evidenciar a relação entre as áreas de conhecimento relacionando-as às questões da raça, etnia e gênero. Em contrapartida, como nos diz Jesus (2018) ao se silenciarem acerca de discriminações raciais, de gênero, de sexualidade etc, as instituições escolares acabam contribuindo para a continuação das desigualdades intra e extraescolares incidindo, mesmo que silenciosamente, na produção de destinos educacionais e ocupacionais desiguais.

Pensando nas relações entre os sujeitos e a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas na referida escola, podemos questionar sobre o pertencimento étnico-racial dos/das estudantes, visto que segundo Gomes (2006), a discussão das relações raciais é de responsabilidade de todos(as) cidadãos. No caso da escola, essa responsabilidade é, sobretudo, dos(as) docentes e pedagogos(as). Esses sujeitos que trabalham na educação básica são de vital importância, pois é nesse momento da trajetória de vida e escolar que aparecem os conflitos com a identidade e com as diferenças. A partir desses elementos identitários existentes no contexto escolar, percebemos que existe pouco conhecimento e segurança em se trabalhar com conteúdos que dialoguem com a realidade dos(das) estudantes.

Diante de conflitos intra e interpessoais que acontecem cotidianamente no ambiente escolar, alguns(algumas) profissionais da educação desenvolvem projetos com a temática das relações étnico-raciais e de gênero, mas o trabalho não se mostra de forma sistemática. Pude verificar que a gestão da escola vem investindo em algumas formações que tratam as desigualdades étnico-raciais e de gênero para ajudar os/as estudantes e os(as) profissionais, contudo, as formações precisam ser sequenciais e sistemáticas. É importante buscar indícios da existência de mecanismos que podem ter sido (e provavelmente foram) buscados até hoje para impedir que nós,

professoras e professores, e demais profissionais da educação, abordemos as temáticas da diversidade e de gênero.

Assim, os mecanismos frequentemente acionados que dão continuidade à prática da discriminação étnico-racial e de gênero, no ambiente escolar, podem ser a falta de diálogo, o silêncio sobre os conflitos étnico-raciais e de gênero, a censura discursiva quando o tema extrapola e o disfarce para evitar posicionamentos claros. Enquanto isso, o preconceito, a discriminação, o bullying continuam a fazer parte da nossa *normalidade* institucional. Segundo Silva (2000):

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico não apenas porque os(as) estudantes [...] interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser conteúdo de preocupação pedagógica. (SILVA, 2000, p. 97)

Acredito que a crise de representação que vivenciamos oferece a oportunidade de reformulação de propostas de inclusão étnico-racial e de gênero. Mas isso só será possível se admitirmos que o contexto escolar contribui para a produção e a reprodução do nosso quadro de desigualdade étnico-racial, de gênero e outros grupos. Assim, o coletivo de profissionais da educação está imerso no problema da desigualdade racial e de gênero. Em contrapartida, planejar ações para a diversidade e equidade de gênero na escola, proporciona momentos de formação, em serviço e no local, e também processos subjetivos, visto que, remete a preconceitos e valores, que mostram as práticas pedagógicas e a forma de se intervir nas diferenças. Portanto, além do conhecimento teórico, é preciso um processo de vivência com essas temáticas que geram, muitas vezes, ansiedade e polêmica.

Como a escola produz e reproduz as desigualdades sociais, na escola investigada, as práticas pedagógicas, muitas vezes, exercem um poder regulatório, como podemos perceber, na exigência de filas de meninos e de meninas para se movimentarem pela escola acompanhados/as das professoras e dos professores; na busca pelo silêncio e pela disciplina nas salas de aula; na homogeneização do conhecimento; na verticalização das relações e demais ações. Segundo Foucault (1987), a escola como dispositivo regulatório, como espaço de confinamento e disciplinamento serve para restringir a liberdade dos sujeitos. Então, torna-se

relevante repensar o ambiente escolar, sensibilizar os(as) profissionais que nela atuam para uma Pedagogia da Diversidade para buscar ambientes acolhedores e de relações mais horizontais e compartilhadas. A escola precisa se tornar uma das principais ferramentas para a solidariedade e para a construção do saber permeado por um currículo, que como sugere Paraíso (2018, p. 24), “deve ser território para hospedar as diferenças, afirmar a vida e multiplicar os encontros que nos fazem desejar e expandir”.

(Re)educar docentes, monitores(as) e equipe gestora passa a ser uma tarefa primordial quando se deseja uma Pedagogia da Diversidade e Inclusiva, pois segundo Tolentino (2018), no lugar de uma educação repressora podemos elaborar metodologias de ensino antenadas com a realidade dos(as) estudantes para que façam sentido o exercício do processo do aprender e do ensinar.

6.3. Envolver os sujeitos na construção das práticas para a diversidade e a equidade de gênero

A coordenação pedagógica pode possibilitar, junto às(aos) profissionais da escola, a construção de práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade étnico-racial e de gênero no cotidiano da sala de aula e da escola pois segundo Arroyo (2014, p. 54),

O campo da educação, do pensamento social, político e pedagógico tem sido tensionado ao longo de nossa história sempre que os grupos sociais, étnicos, raciais resistiram a ser inferiorizados, fizeram-se presentes e provocaram a sensibilidade social, política e pedagógica dos educadores/pensadores mais representativos de nossa história. (ARROYO, 2014, p. 54)

As formações aconteceram na escola pesquisada, contudo, não foram realizadas durante o horário de trabalho. Por esse motivo, nem todos(as) os(as) professores(as) tiveram disponibilidade de participar fora do horário de serviço. Práticas político-pedagógicas de implementação para a promoção das relações étnico-raciais e de gênero requerem um certo tempo para uma base reflexiva, organizacional, humana, política, pedagógica e prática.

Todavia, observei que alguns(algumas) professores(as), desenvolveram a temática da diversidade em suas aulas. Como exemplo, posso citar um professor de Língua Portuguesa das turmas de 8º ano. Ele participou da primeira formação que fiz

e me disse que tentava abordar a questão racial em suas aulas, sempre que os conteúdos programados possibilitavam. Esse professor planejou músicas, poesias e livros que traziam a temática da diversidade étnico-racial para serem trabalhadas com as turmas e finalizadas na Mostra Cultural da escola.

Outra situação interessante foi vivenciada com outra professora de Língua Portuguesa que lecionava nas turmas de 9ºanos. Essa professora não participou das formações que desenvolvi, mas participou das outras formações em serviço. Ela, a professora de Língua Portuguesa e eu (professora da Língua Inglesa no turno da tarde), e a professora de Educação Física, trabalhamos de forma interdisciplinar. Escrevemos um projeto juntas e solicitamos a participação no Projeto da Prefeitura de Belo Horizonte - Circuito de Museus. Nosso projeto foi contemplado e trabalhamos a equidade de gênero nos esportes e no mercado de trabalho. Percebi que, por eu trabalhar as questões das relações étnico-raciais e de gênero, as parcerias aconteceram, mas fui direcionando os projetos também para as referidas temáticas. Por isso, vejo a possibilidade de a coordenação orientar e despertar, no coletivo de docentes, um trabalho que contemple a temática das relações étnico-raciais e de gênero. Esse direcionamento está em consonância com uma das funções que competem à equipe da coordenação pedagógica da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, isto é, encaminhar as discussões pedagógicas, planejando, orientando, articulando e avaliando os projetos de trabalho de cada ciclo de formação.

Ao final do primeiro semestre, numa reunião da coordenação, a diretora solicitou que os bilhetes da escola tivessem as palavras *família/responsável* e não mais apenas *pais* devido aos novos arranjos familiares. Entretanto, apesar de se ter definido que todos os bilhetes da escola tivessem essa nova forma de convidar as famílias, alguns/algumas coordenadores(as) ainda deixavam os bilhetes destinados aos pais e responsáveis. Da equipe de coordenação, apenas uma professora participou da primeira formação, os(as) demais, na maioria das vezes, tinham a postura de que não precisavam participar e que tinham outras demandas para realizar no horário das formações.

Algumas ações aconteceram após às duas formações que desenvolvi: uma palestrante da UEMG foi contratada para desenvolver formações, em serviço, para o coletivo de professoras(es) sobre o tema Datas Comemorativas: Escola Laica e Culturas. Durante as reuniões entre docentes e equipe gestora houve alguns

questionamentos referentes às datas comemorativas e os eventos que a escola iria organizar durante o ano de 2019. Esses questionamentos desencadearam na necessidade de formações. No decorrer do projeto de intervenção, observei que a temática da diversidade étnico-racial e de gênero ainda não era trabalhada de modo sistemático no âmbito da escola, apesar das formações que ocorreram durante esse ano e nos anos anteriores.

A partir das opiniões e exposições dos(as) profissionais da escola nas formações realizadas foi possível perceber as dificuldades dos(as) docentes e demais profissionais da escola ao trabalharem a questão da diversidade e de gênero durante as aulas e oficinas, nas relações e no trato com os(as) estudantes brancos(as) e negros(as). As pesquisas sobre as relações raciais na escola revelam que essa dificuldade não acontece somente na escola onde foi desenvolvida a intervenção, mas que ainda é uma característica de várias escolas da educação básica. Pude perceber que as formações aconteceram em períodos próximos e contribuíram para que a equipe pedagógica e dos(as) docentes se tornasse um pouco mais aberta às temáticas das relações étnico-raciais e de gênero.

Nesse ponto, um dos objetivos dessa Intervenção foi atingido. Contudo, as duas formações não aconteceram no horário de serviço e isso dificultou a participação de todos(as) profissionais. O empenho da direção em participar das formações e em proporcioná-las a todos(as) profissionais da escola foi relevante.

Na escola pesquisada, a relação entre os sujeitos demonstra uma aparente relação pacífica. Mas, muitas vezes, essa relação se torna conflituosa, por acontecerem, entre os(as) estudantes, brincadeiras desrespeitosas e apelidos depreciativos. Muitos(as) profissionais não dão muita importância a esses conflitos por estarem ocupados(as) com as atividades e planejamentos de suas ações pedagógicas. Há também aquelas(es) que não problematizam e não discutem com os(as) estudantes sobre tais comportamentos preconceituosos pensando que perderão tempo ao dialogarem com eles(as) sobre esses conflitos. Entretanto, alguns profissionais demonstram preocupação com as relações interpessoais e procuram estar mais atentos às brincadeiras e discriminações presentes entre os(as) estudantes e tentam intervir, quando possível, ou encaminham à coordenação.

Outro ponto observado nas formações e na vivência por trabalhar na escola pesquisada, é que os agenciamentos dos(as) profissionais da educação em situações

nas quais as relações étnico-raciais e de gênero se tornam conflitivas está permeada também pela compreensão desses(as) profissionais sobre a autoridade na sala de aula, disciplina e indisciplina dos(as) discentes e o exercício de uma postura ética na relação com o outro. Ademais, percebi uma preocupação por parte desses(as) profissionais em abordar os conteúdos, as habilidades e competências cognitivas e em menor proporção, as habilidades socioemocionais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de intervenção foi desenvolvido na expectativa de buscar perceber como a coordenação escolar pode atuar para propiciar uma reflexão, por parte dos(as) profissionais da educação, sobre ações pedagógicas que valorizem as temáticas da diversidade e equidade de gênero.

A partir dos recursos metodológicos utilizados, como o diário de campo, observação participante e momentos das formações, pude constatar que uma das dificuldades mais notáveis que os(as) profissionais da escola encontram para terem uma postura aberta à diversidade resulta da insegurança e falta de conhecimento para desenvolverem as ações pedagógicas com a temática das relações étnico-raciais e de gênero. Essa dificuldade será cada vez mais acirrada se não conseguirmos espaços, na formação continuada e em serviço, de profissionais da escola para discutirmos e refletirmos sobre o modo como os estereótipos raciais e de gênero construídos na sociedade brasileira repercutem na escola.

Portanto, a coordenação pode envolver todos(as) os(as) profissionais da escola para que eles(as) reflitam sobre a importância de se ensinar a conviver, e não somente a ensinar os saberes cognitivos. Desse modo, a coordenação possibilitará algumas das funções que o cargo exige: organizar os tempos dos(as) professores(as) no coletivo da unidade, assegurando o processo de formação, planejamento e registro das ações para desenvolverem os conteúdos curriculares, e também as relações interpessoais, com a valorização da diversidade étnico-racial e de gênero. Entretanto, como as formações aconteceram fora do horário de serviço, não alcançaram todo o coletivo de docentes da escola.

Pude perceber que foi importante incluir os(as) outros(as) profissionais da escola nos dois momentos de formação. Isso possibilitou a esses(as) profissionais a oportunidade de também refletirem sobre as temáticas étnico-raciais e de gênero e atuarem de forma diferenciada diante do corpo discente.

Espero ter contribuído para se perceber a importância do trabalho da coordenação como estratégia para possibilitar, via formação de todos(as) os(as) profissionais da educação, possíveis reflexões sobre a valorização das relações étnico-raciais e das relações de gênero na perspectiva da pluralidade dos sujeitos que compõem a modalidade Educação Fundamental.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BARRETO, Andreia. ARAÚJO, Leila; PEREIRA, Maria Elizabete. (Org.). **Gênero e diversidade na escola: formação de professores(as) em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais**. Rio de Janeiro/Brasília: CEPESC/SPM, 2009.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003** - Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm >. Acesso em: 22 jul. 2018.
- BRASIL. **Lei 11.645/2008** - Inclui no currículo da Rede de Ensino a obrigatoriedade da História Afro-brasileira e Indígena. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm >. Acesso em: 15 jul. 2019.
- CAMPOS, Camila Amorim. Currículo com música e festa: encontrando saídas às normas que generificam e impedem de dançar no embalo das sensações do corpo. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria da Silva (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 219-235.
- CRENSHAW, Kimberle. **A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero**. Cruzamento: Raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOMES, Nilma Lino et. al.. Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores(as) pra a diversidade étnico-racial. CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2., 2019. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 73-75.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº10.639/2003**. Brasília: MEC/Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-65.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes/WMF, 2017.
- JESUS, Rodrigo Ednilson. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamentos e invisibilização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-18, 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e167901.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2014.

MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria da Silva (Orgs.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018. p. 23-52.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

TOLENTINO, Luana. **Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

ANEXOS

Música:

Alma não tem cor (<https://www.youtube.com/watch?v=f0Z5T9Q7mbw>)

Vídeos:

Vista minha pele (<https://www.youtube.com/watch?v=JlvjTmQgXOA>), de Joel Zito Araújo

Gênero e Educação – Bloco 01 – Universidade de ideias – Educadores debatem a Educação (<https://www.youtube.com/watch?v=Wp9A6ITKIgk>) - Prof. Fernando Penna

Figura 1 - Convite da 1ª Formação

**VENHAM PARTICIPAR
DA FORMAÇÃO**
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO
DATA: 27/04/19
SÁBADO - 07:30 ÀS 11:30
LOCAL: SALA MULTIMEIOS
FORMADORA: CRISTINA REIS



Essa formação fará parte do meu Projeto de Intervenção de Pós-Graduação da UFMG. Conto com a presença de vocês!

PIC-COLLAGE

Figura 2- Convite da 2ª Formação

**VENHAM PARTICIPAR DA
II FORMAÇÃO**
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO
DATA: 25/05/19
SÁBADO - 07:30 ÀS 11:30
LOCAL: SALA MULTIMEIOS
FORMADORA: CRISTINA REIS



Essa formação fará parte do meu Projeto de Intervenção de Pós-Graduação da UFMG. Conto com a presença de vocês!

PIC-COLLAGE

Figura 3- Bibliografia sugerida na Primeira Formação



Figura 4 - Bibliografia sugerida na Primeira Formação



Figura 5 - Bibliografia sugerida na Primeira Formação

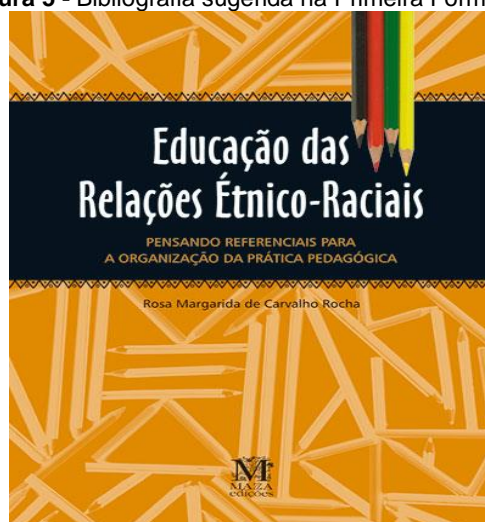


Figura 6 - Bibliografia sugerida na Primeira Formação

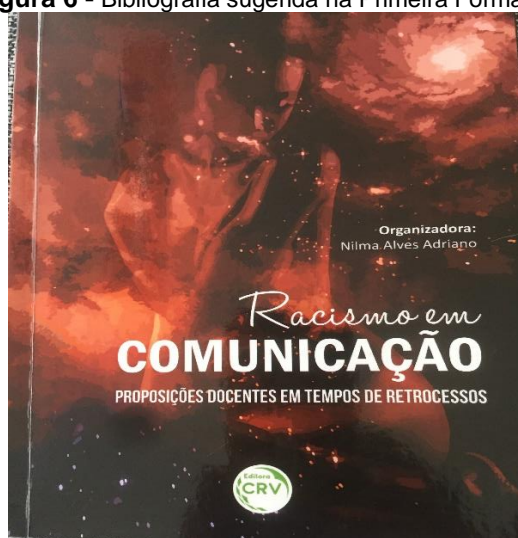


Figura 7 - Bibliografia sugerida na Segunda Formação

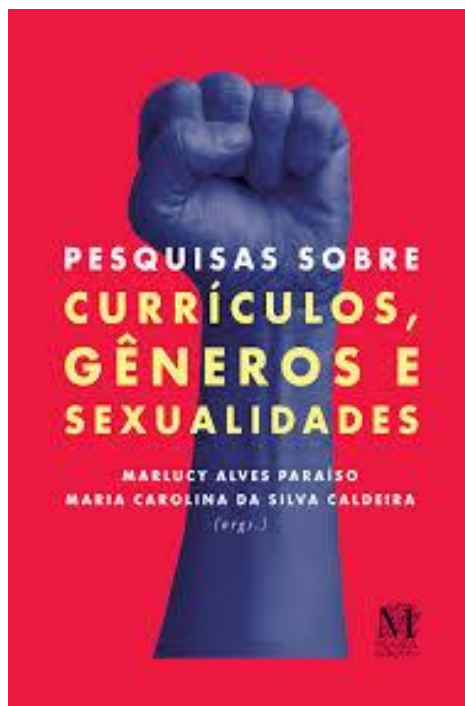


Figura 8 - Bibliografia sugerida na Segunda Formação



Figura 9 - Bibliografia sugerida na Segunda Formação



Figura 10 - Dinâmica da Circularidade - Primeira Formação



Figura 11 - Segunda Formação

